

## Discursos sobre o corpo: análise multidisciplinar das representações corpóreas na sociedade contemporânea

Viviane Giroto Guedes <sup>1</sup>

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. (orgs.) **Que corpo é este que anda comigo?** Corpo, imagem e sofrimento psíquico. Curitiba. Ed. Appris. 2016. 322p.

A coletânea organizada por Joana de Vilhena Novaes e Junia de Vilhena reúne estudos de diversos autores, numa perspectiva interdisciplinar e multifacetada. A relevância da temática corporal é discutida através de diferentes enfoques teóricos. Dentro da perspectiva psicanalítica, destacamos os efeitos subjetivos do corpo como capital e lócus de investimentos, bem como a investigação acerca da primazia das personalidades narcísicas. A predominância

do indivíduo aterrorizado com a sua própria imagem reflete a insuficiência dos seus esforços para o enquadramento nos ditames estéticos atuais, em que é possível observar a magreza e a juventude como valores máximos. As concepções socioantropológicas buscam decifrar os códigos e símbolos sobre o uso dos corpos na sociedade atual e as relações que essa comunicação estabelece com a cultura do consumo e da alta *performance*.

No primeiro capítulo, intitulado *Trauma: entre o corpo e o psiquismo*, Ana Maria de Toledo Piza Rudge posiciona-nos sobre o papel e a estrutura do trauma na perspectiva psicanalítica. A

<sup>1</sup>Pós-doutoranda junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre e Doutora em psicologia pela UFRJ.

e-mail: vivianegirotoguedes@gmail.com

autora destaca que, embora não existam estruturas clínicas e sintomas inteiramente inéditos, cada época comporta o seu horizonte de subjetividade. Se os fatores traumáticos sempre estiveram presentes nos diferentes contextos culturais e em todos os tempos, a autora destaca as inovações destes fatores no contemporâneo, como a interferência da evolução tecnológica e da globalização, que nos coloca em contato, em tempo real, com os acontecimentos traumáticos do nosso tempo. O texto destaca, também, que as neuroses traumáticas impressionam pela tonalidade depressiva dos estados de ânimo, bem diferente da histeria. O encaminhamento da autora sobre a temática do trauma denota tanto a vulnerabilidade do homem frente ao trauma, quanto os efeitos devastadores da situação traumática sobre o sujeito. O tratamento dos sintomas traumáticos, por meio do trabalho psicanalítico clínico, deve, portanto, respeitar o silêncio do paciente e as suas limitações associativas, até que ele próprio conquiste seu prosseguir em certo caminho e em seu próprio tempo.

O segundo capítulo, intitulado: *A potência do belo*, consiste numa panorâmica do ideal de beleza instituído no contemporâneo, caracterizado pela busca de uma perfeição moldada e puramente formal.

A forma como o ser humano se deixa tyrannizar pelo culto à beleza, nos tempos atuais, reflete uma tendência social que comporta múltiplos aspectos, entre os quais se citam o aparato de regras e condutas, os recursos tecnológicos, cirúrgicos, cosméticos e midiáticos. A obrigação de moldar-se às regras estéticas atuais evidenciam, segundo o autor, um tipo de sofrimento fixado na negação da transitoriedade da vida e na ilusão consentida de eternidade. A padronização da beleza apresentada por Auterives Maciel Júnior refere-se ao movimento contemporâneo conhecido como “moralização do belo”, que se firma na construção fictícia de fazer da vida um objeto de julgamento. Para elucidar esse juízo estético de beleza, o autor se apoia nas considerações de Nietzsche sobre o belo e sobre sua ideia de resistência ao padrão normativo de beleza, expressos em sua obra e na afirmação de que o “belo não existe em si”. Destaca-se, também, o fato de que desejar ser belo e exprimir uma beleza a mais não deve ser considerado um problema, a denúncia evidenciada no texto destaca que a busca pelo belo ideal, no momento contemporâneo, é perpassada pela padronização da beleza, condicionada a práticas sociais que testemunham jogos de dominação.

Barbara Sordi e Ana Cleide Guedes Moreira, no terceiro

capítulo, assinam o título: *A invenção da noção biológica de corpo e o sofrimento psíquico de mulheres* e fazem reflexões acerca de questões de gênero e de sexo na modernidade. As autoras percorrem diferentes momentos históricos para esclarecer que o modelo atual estabelecido de dois sexos distintos foi uma criação do iluminismo, motivada por interesses políticos e econômicos que visavam, sobretudo, a posição hierárquica de poder do homem sobre a mulher. É analisado também o papel das mulheres na Revolução Francesa, participação importante e decisiva para iniciar o movimento de lutas sociais pelos direitos das mulheres e contra a cultura de supremacia do poder masculino, que persiste nos dias atuais. A repressão sexual das mulheres também é abordada neste capítulo, em que as autoras destacam o período do final do século XIX e início do século XX, como especialmente marcante e paradoxal para as mulheres, quando elas se deparam com o dilema entre aderir a uma posição de sujeito autônomo ou permanecer como objeto de discurso do Outro. Essas novas possibilidades que se abriam e se configuravam na modernidade, exigiam adaptações complexas e resultaram em muitos casos de adoecimento, entendido neste texto, como uma saída psíquica para o conflito instalado entre as exigências da civilização que

pareciam ampliar-se – mas que, de fato, se mantinham valorizando virtudes femininas como recato, docilidade e afetividade – e as pulsões sexuais que não se podiam manter totalmente reprimidas.

O quarto capítulo trata do: *Fenômeno do body art, do thigh gap e dos selfies sextos: exposição do corpo – exibição do eu*. A arte corporal é apresentada como uma forma de dar ao corpo uma função material e de obra de arte, simultaneamente. Outro aspecto destacado nesses fenômenos é o seu caráter instantâneo, que permite o consumo da obra em tempo real. A autora, Catherine Desprats-Péquignot também estabelece a relação entre o consumo e as fábricas de arte do corpo no contemporâneo, analisando o gozo que promove nos envolvidos: artista, consumidor ou espectador. A valorização narcísica expressa nessas artes corporais compreende consumos estéticos contemporâneos tais como procedimentos cirúrgicos, *thigh gap* e a proliferação dos *selfies*. Para a autora, todas essas manifestações apresentam, como pano de fundo, o fenômeno social do culto exacerbado do eu que, ao mesmo tempo em que busca a realização por meio narcísico, também sofre com o imaginário da mentira, da ilusão e da vigilância permanente.

No quinto capítulo, Celine Masson apresenta o trabalho

do artista alemão Gunter von Hagens, para refletir sobre a temática das imagens modificadas do corpo. O referido artista e também anatomista desenvolve sua arte a partir da utilização do corpo morto. Seu objetivo é despertar o prazer no espectador através da ideia de vida após a morte. A imagem corporal, aqui, são corpos plastinados, que fixam o morto em um estado “permanente”, livre do desaparecimento. A investigação da autora sobre a arte de reciclar cadáveres evidenciou o fato de que os sujeitos, a princípio, doam seus corpos para um projeto em prol da ciência anatômica, mas o que de fato ocorre é a sua exibição em espaços culturais públicos e em áreas não científicas. Para Celine, o intuito exibicionista resulta do desejo de anular a morte, como se o doador, embora compreendesse a impossibilidade de permanecer vivo, pudesse controlar a sua eternidade através desse processo.

No sexto capítulo, intitulado: *No escurinho do cinema*, Ieda Tucherman reflete sobre a relação entre corpo e imagem, remetendo-nos ao mito do Narciso, aquele que não reconhece na sua imagem o reflexo do próprio corpo. Nesse percurso, a autora traz a noção de corpo como dispositivo de visibilidade e localiza os esforços ocidentais para o grande investimento na produção do conhecimento e

transformação do mundo. Dentre esses investimentos, ganham destaque os dispositivos capazes de corrigir imperfeições e ampliar as capacidades de atuar, ver, a realidade, como exemplo, a autora cita as máquinas de visão, que compreendem, desde os óculos para corrigir miopia (deturpações singulares) até dispositivos mais complexos que ampliam a função visual. A imagem, como tema central do humano, passa por um longo processo histórico de importância e significação social e, atualmente, ganha status de verdade, através do avanço da tecnologia ligado à medicina, com a supervalorização das imagens por ressonância, RX, ultrassonografias, endoscopias etc. Além da área médica, os dispositivos de visibilidade estão, tradicionalmente, muito presentes nas imagens artísticas. Culturalmente, esses mesmos dispositivos conservam seu caráter eminentemente político, capaz de evidenciar e interditar as imagens, segundo valores de uma dada realidade cultural. Ao percorrer filmes que retratam problemáticas contemporâneas, como o tabu do envelhecimento, a objetificação da beleza feminina, a profissionalização da beleza, observada nas carreiras esportivas e de modelo, a autora não só ilumina imagens que retratam o universo contemporâneo, como denuncia a supremacia da *performance* sobre a narrativa em nossos tempos.

A automutilação e a dimensão da alteridade é o tema destacado por Isabel Fortes, no sétimo capítulo. O comportamento de mutilação vem ganhando destaque nos últimos trinta anos, pela frequência de suas manifestações, especialmente, entre a população adolescente. A mutilação que é caracterizada por cortes superficiais, realizados na própria pele com objetos afiados são, de forma geral, realizados as escondidas e descoberta pelos pais, sem que, contudo, os mesmos entendam suas razões. A autora esclarece que as mutilações não estabelecem relação alguma com o suicídio, ou seja, não existe intenção de morrer com o ato de se mutilar. Ao longo de seu artigo também esclarece que, ao mesmo tempo em que a sensação do corte promove uma baixa de tensão interna, a mesma não se estende ao nível do prazer, significando, dessa forma, a busca de um registro de sensorialidade e de descarga da dor psíquica.

*Empanturrados de afeto, envergonhados da fome: corpo, maternidade e obesidade infantil*, traça uma cronologia das pesquisas que Joana Novaes vem realizando nos últimos dez anos sobre a temática da obesidade. Entre os campos teóricos percorridos pela autora, destacam-se as pesquisas envolvendo o fenômeno da corpolaria. A autora narra a sua experiência como consultora

de uma grande multinacional do ramo da beleza, quando foi possível, tanto investigar a tendência atual de insatisfação das pessoas com a própria aparência, quanto orientar a criação de campanhas de *marketing* capazes de contemplar uma diversidade estética maior e de enfrentar os ditames estéticos atuais, como a aparência jovial e magra. Para tanto, foram selecionados modelos que se aproximavam da imagem de pessoas comuns, pertencentes a perfis sociais, raciais, biótipos e geracionais diversificados e mais aproximados da realidade da vida cotidiana. Ao longo da sua atuação dentro da empresa, a autora realizou tanto a investigação sobre os variados usos e representações corporais dos participantes, como conduziu, na condição de consultora deste projeto organizacional, a proposta de dar visibilidade aos corpos comuns e de incluí-los como corpos aceitos e dotados de belezas singulares, ou seja, o objetivo das referidas campanhas, consistiu em criar instrumentos que estimulasse o empoderamento dessas mulheres e diminuísse o sofrimento resultante da adesão aos ditames estéticos atuais. Uma segunda etapa das campanhas, da mesma empresa, envolveu o universo infantil e juvenil em contextos sociais desfavoráveis. O objetivo referia-se aqui ao crescimento das taxas de obesidade infantil

neste segmento. O cenário de investigação incluiu as famílias, especialmente as mães, para quem eram direcionados os protocolos corporais, para que pudessem atuar no manejo e no controle da obesidade dos filhos. A autora esclarece que, embora as mães estivessem dispostas a participar da campanha e compreendessem o risco que a obesidade apresentava para a saúde de seus filhos, ainda assim, os resultados apontavam para a sua baixa adesão ao tratamento recomendado. Tal constatação contribuiu para a criação de estratégias de intervenção capazes de enfrentar os aspectos subjetivos da obesidade infantil e sua interface com a situação de pobreza. Tais intervenções foram realizadas pelo Núcleo de Doenças da Beleza parte integrante do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-RIO, e estão, em parte, discutidas neste capítulo.

Junia de Vilhena e seu grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RIO, Alessandro Melo Bacchini, Bruna Madureira, Carlos Mendes Rosa, Igor Francês, Monica Vianna, Nélia Mendes e Rebeca Alcici, assinam o capítulo 9, *Sobre palavras engolidas e corpos inflamados: pensando algumas narrativas do corpo no contemporâneo*. A análise de fenômenos atuais como a violência e desenraizamento

sociocultural é confrontada com problemáticas frequentes em nosso tempo, como o culto da eterna juventude. A estética corporal é discutida e problematizada a partir do sofrimento psíquico, entendido como o resultado da insuficiência humana para ajustar-se às prescrições estéticas vigentes e mantê-las. As questões corporais tratadas neste artigo possuem um enquadramento teórico psicanalítico. Nessa perspectiva, o corpo assume o lócus de produção de novos sintomas, que são pensados a partir da visão de diferentes autores, e fundamentados à luz do referencial freudiano de que o Eu é, desde sua origem, um Eu Corporal. Nesse sentido, o texto desenvolve-se em forma de diálogo entre psicanalistas pós-freudianos e posiciona-se numa concepção de corpo que vai para além da dimensão corporal, ou seja, um corpo dotado de um suporte e de uma ancoragem psíquica. Uma parte do texto busca aproximar os estudos de Freud sobre histeria – caracterizando-a como um sintoma que se expressa no corpo e denuncia uma dor interna – com os fenômenos culturais contemporâneos que tornam o corpo reduto de sofrimento, sobrecarregado de múltiplas demandas, confinado a padrões rígidos e com pouco espaço para exercer funções saudáveis, como o prazer, a liberdade e o conforto. Outro aspecto destacado no

texto é o lugar da satisfação no contemporâneo, espaço de êxitos raros e consumos abundantes. A beleza entendida como produto passível de aquisição, coloca o sujeito em posição de desvantagem e permanente sensação de insuficiência, uma beleza desejada e sempre distante. As manifestações desse tipo de sofrimento podem ser observadas através dos sintomas recorrentes como a bulimia e a anorexia, bem retratados no capítulo.

A juventude como um valor supremo é abordada no décimo capítulo, onde Joana Novaes, Junia de Vilhena e Carlos Mendes Rosa, abordam a temática da transitoriedade, destacando a atual rejeição fóbica da velhice. Ao tentar afastar-se da ideia de finitude, a sociedade atual valse de todo um aparato midiático e tecnológico que tenta banir da cena social a imagem da decrepitude. Assim, a velhice é cada vez menos reconhecida como um período legítimo da vida e tende a ser substituída pelo mito da juventude e do vigor eterno. Os autores apontam que este cenário social, que busca esconder e suprimir essa etapa da vida por não querer conectar-se com a ideia de finitude, traz uma questão fundamental, referente à representação simbólica da velhice e a suas implicações subjetivas atuais. Se por um lado, a imagem corporal da velhice sempre esteve ligada à deterioração e desilusão narcísica, percebidas

pelo próprio sujeito, a sociedade atual acrescenta o mal-estar do desprezo e tenta empurrar o sujeito para o consumo como via para obtenção da reversão desse processo, alimentando a ilusão de que a velhice pode e precisa ser evitada.

Entrelaçamentos psíquicos e corporais na psicossomática é o tema do décimo primeiro capítulo, no qual Katia Tarouquella Brasil e Francisco Moacir Catunda Martins buscam estabelecer um diálogo entre corpo e psiquismo na clínica psicossomática. O campo de observação dos autores é o próprio consultório e o caso apresentado retrata uma paciente portadora de psoríase. Os conflitos vividos pela paciente instigaram os psicanalistas a aproximar o diálogo entre corpo e psiquismo. O texto aborda, com profundidade, o campo de atuação da psicossomática, cuja origem estendeu-se para outras áreas de estudo, como a psicanálise e a antropologia. Os autores tratam também das representações do corpo organismo, tal qual entendido no discurso médico, e de corpo erótico, que comporta referências de prazer e de desejo, dotado, portanto, de vida psíquica. Os autores ressaltam o impacto do corpo na clínica psicanalítica e os desafios decorrentes dessa articulação, observados através dos sintomas somáticos apresentados por seus pacientes.

*Corpo, beleza e angústia*, título

do décimo segundo capítulo, aborda a perspectiva psicanalítica de corpo como lugar em que são colocadas as inscrições simbólicas e se armazenam as palavras vindas do Outro. Assim, Maria Anita Carneiro Ribeiro e Elisabeth da Rocha Miranda começam a estabelecer diálogo com este corpo que fala e que traduz a vida psíquica do sujeito. A base teórica de Freud e Lacan sustenta e fundamenta as análises das autoras, que perpassam as diferenças anatômicas entre os sexos e suas decorrentes angústias, até se aprofundar na angústia de castração na mulher, na construção do amor romântico feminino e nas transformações corpóreas do corpo que abriga um outro corpo na gravidez. A partir da premissa de que o desejo não envelhece, é traçado um percurso teórico que ressalta o envelhecimento do corpo e as limitações dele decorrentes, enfatizando, especialmente, a ditadura da boa forma e a imagem ideal a partir de práticas de consumo antienvelhecimento que afetam, especialmente, o corpo feminino.

No décimo terceiro capítulo, Maria Clara Lucchetti Bingemer aborda a temática da felicidade partindo da sua relação com a fecundidade, entendida como tudo aquilo que emana vida e se multiplica em mais vida. A corporeidade e a sexualidade são descritas no texto, como resultado de concepções que sofrem alterações no decorrer da história

da humanidade, observando-se que o mundo ocidental estabelece uma distinção nítida entre corpo e alma. As crenças religiosas, os ritos de passagem que incidem sobre o corpo, carregam todo o conjunto de significações de cada tradição, valores, regras de conduta e representações sociais diversas que, segundo a autora, codificam o corpo e estabelecem codificações na sociedade.

A construção do corpo na anorexia das meninas é o tema do décimo quarto capítulo. As problemáticas alimentares são analisadas a partir da prática psicanalítica clínica de Maria Helena Fernandes e articuladas às vicissitudes culturais e à psicopatologia. A autora pontua o senso comum, que atribui os principais sintomas psíquicos de hoje às transformações sociais do nosso tempo. Com relação à bulimia e a anorexia, fenômenos sintomáticos contemporâneos, os valores muito bem difundidos de ideais de magreza estão assumindo proporções ampliadas e afetando populações cada vez mais amplas, sobretudo as mulheres. Fernandes apresenta dados recentes sobre o quadro nacional da população feminina brasileira que faz regime e tenta perder peso e demonstra o aumento relevante desta prática nos últimos anos. Discorre também sobre a predominância da anorexia e da bulimia entre a população jovem e feminina e apresenta os aspectos mais marcantes destes sintomas e suas

implicações na vida desses sujeitos.

No décimo quinto capítulo, Maria Helena Zamora busca o adensamento no universo do adolescente infrator, seus cotidianos, seus medos, suas subjetividades, e realiza uma leitura psicossocial a partir do corpo destes sujeitos. A análise do lugar social ocupado por eles é caracterizada pela autora como o lugar do descrédito, da desqualificação, do erro, da criminalização, da imoralidade, das drogas, do não trabalho, do não estudo, da ausência de sentido, da impossibilidade da esperança, do morro, da boca, do cárcere. Nesse último lugar, no cárcere, que pertence a uma realidade tanto temida, quanto mais ou menos previsível para eles, é que começam a se desenhar as imagens de seus corpos. A tradução que a autora realiza de suas singularidades, através da tatuagem, entende que, ao marcarem o próprio corpo eles também marcam as suas diferenças como sujeitos e resistem ao ambiente que insiste em negá-las.

*Corpo: natureza e expressão*, décimo sexto capítulo, trata do aprofundamento conceitual da palavra corpo, desde o seu sentido filosófico, sua etimologia, seus usos linguísticos, seus sentidos de vida e de morte. Para a autora Monah Winograd, é na cultura que o corpo se torna humano. Diferente dos outros animais, o homem é o único ser que pode significar o próprio corpo e tal representação está sempre

perpassada pelo meio do qual faz parte. Em psicanálise, cujo foco é sempre a psique, o corpo é sempre estudado como função, a partir da imagem psíquica. A autora destaca, contudo, que o conceito técnico de corpo sempre esteve implicitamente presente em todos os meandros do discurso freudiano e que Freud sempre se manteve atento ao fato de que é no corpo que o psiquismo se enraíza e pode existir. O texto também estabelece a distinção entre corpo pulsional e corpo simbólico e destaca o entendimento do corpo como natureza, fonte de potência para múltiplas constituições psíquicas.

No décimo sétimo capítulo, Neilza Barreto discorre sobre a pulsação de corpos femininos no contexto da cadeia no Rio de Janeiro. Trata-se de fragmentos da tese de doutorado da autora, centrada na questão dos projetos futuros de mulheres encarceradas. A condição de comportarem um corpo-ventre, dotado da função procriadora, pode, em muitos casos, livrá-las da imagem de ser perigoso, afastando, assim, as suas próprias representações de envolvimento com o delito cometido. Nessa pesquisa de campo, foram entrevistadas 154 mulheres e, em muitos casos, foi observado o reconhecimento de si a partir da maternidade, um recurso psíquico que oferece a possibilidade de legitimar-se como sujeito em um ambiente

que atribui valor positivo à experiência materna, conferindo-lhe um teor de sacralidade.

O décimo oitavo capítulo, escrito a quatro mãos por Ricardo Pocinho, João Pedro Gaspar, Pedro Belo e Natália Leandro, trata do fenômeno global relativo ao aumento da estimativa de vida da população. Esta ampliação do tempo de vida é irreversível e decorrente dos avanços tecnológicos, medicinais e farmacológicos. Os autores definem o envelhecimento e situa-o numa zona considerada vulnerável socialmente, carregada de estereótipos negativizados. O isolamento destaca-se, assim, como um comportamento comum entre muitos idosos, que tentam escapar da desqualificação social através da desconexão relacional. O texto está ancorado no estudo da solidão entre a população idosa, no contexto institucional e no contexto do serviço de apoio domiciliar em Portugal.

Selma Peleias Felerico Garrini trata do aspecto agressivo contido na norma corporal de magreza, uma regra rígida que rejeita as pessoas gordas, condena seus hábitos alimentares e causa constrangimento estético, tendo elas, portanto, de ser afastadas, tiradas da vista, pelo desconforto que suas imagens suscitam. A autora destaca a influência do discurso midiático que propaga a redução alimentar e a exaltação da juventude, estabelecendo um tipo de saber estético, especialmente

direcionado ao universo feminino. O campo de pesquisa deste estudo compreendeu mulheres entre 50 e 65 anos, pertencentes às classes A e B e investigou as mudanças comportamentais relativas ao prazer corporal e à manutenção da juventude. A partir da hipótese de que o imaginário alimentar feminino constrói-se pela influência familiar e reconstrói-se pela mídia, a autora busca traçar as marcas e significações contidas no discurso midiático alimentar, tentando compreender como elas são decodificadas pelas mulheres acima de 50 anos.

*Corpo e antropologia: um ponto de vista* encerra esta coletânea e apresenta uma noção de corpo fundamentada na obra de Mauss (1930), cuja obra pioneira retrata a vida em sociedade através do uso dos corpos e oferece referenciais valiosos para orientar as discussões sobre a proliferação da temática corporal na sociedade contemporânea. Tania Dauster, ao recuperar a importância da obra de Mauss sobre as significações corporais para a cultura, contribui tanto para o debate atual em torno desta temática, quanto para o estabelecimento de diálogos contemporâneos, entre os autores empenhados em decifrar os fenômenos mais aparentes do nosso tempo.